

811
19 NOV 1992

SARAH KUBITSCHKE *

O senador Darcy Ribeiro diz sempre, com a sua inteligência e sagacidade, que Deus estava de bom humor quando permitiu a coincidência da passagem pela Terra, num mesmo país e numa mesma geração, de homens como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro e Juscelino Kubitschek.

Eles sonharam, idealizaram, planejaram, projetaram e construíram a nova capital do Brasil.

Até a década de 50 o mapa econômico do Brasil era litorâneo.

O interior era vazio. Eram dois Brasis. O das praias, com riqueza, produção, fábricas, empregos, energia e gente feliz.

E o outro, do interior, deserto, abandonado, sem atividade, sem emprego, sem estradas, sem amanha.

E com muito orgulho que hoje posso ver que Brasília, além de ser uma cidade própria para o exercício dos três poderes da República, uniu e integrou nosso país, expandiu a fronteira da produção, do emprego, das estradas e da esperança.

Viana Moog, no seu *Bandeirantes e Pioneiros*, lembra que os portugueses chegaram ao Brasil e logo depois das praias encontraram intransponíveis cadeias montanhosas.

Duzentos anos depois, vencidas as montanhas, encontraram os rios sempre correndo de Norte a Sul, impedindo também a conquista Leste-Oeste.

Só no século 20 o Brasil, a partir de Brasília, conquistou o domínio geofísico do seu território.

Ressurgem agora, como é comum nos tempos de crise, os pessimistas vencidos por Juscelino e pelo trabalho do povo brasileiro, com novas críticas a Brasília, querendo mudar a capital do país. Como se fosse a culpada de todas as mazelas do Brasil.

Esquecem, entretanto, que os maus homens públicos chegam a Brasília nas terças-feiras e comumente voltam nas quintas-feiras, vindos de todas as regiões do país, nos mesmos aviões que trazem os bons homens públicos.

Brasília é cidade-capital e portanto palco dos grandes momentos da história, tristes ou alegres, como a eleição de Tancredo, de júbilo, ou o seu cortejo fúnebre, cheio de pesar; palco das afirmações de Ulysses, dos funerais de Juscelino; dos equivocados lamentáveis da administração pública, que nos dão tristeza cívica, e das grandes decisões do Congresso Nacional, que nos enchem de orgulho.

Enfim, Brasília, palco dos dra-

Tempo de esperança

JORNAL DO BRASIL

mas, das comédias, das peças ruins e dos grandes momentos da arte de convivência social não pode, como palco, ser a culpada pelo eventual mau desempenho de alguns atores.

Os atores são transitórios.

Brasília, cidade-capital, centro geográfico e geopolítico do país, sinônimo da conquista do território e da autodeterminação do povo brasileiro, é permanente.

Alguns outros, ainda agora, criticam também a construção do metrô de Brasília.

Os mesmos que criticaram os homens públicos que permitiram o caos do Rio e de São Paulo, com o uso indevido do solo urbano, a favelização descontrolada, com as graves consequências para a qualidade de vida dessas grandes e belas cidades — agora também criticam os que têm atitude oposta, prevenindo, planejando o crescimento, pensando no futuro e no bem-estar da gente simples que mora distante.

Em Brasília se constrói um metrô leve sobre trilhos, por US\$ 13 milhões por quilômetro, quando os sistemas metroviários do Rio e de São Paulo chegaram a custar até US\$ 130 e US\$ 200 milhões por quilômetro, respectivamente.

E por que essa monumental diferença?

Porque em Brasília se tem a co-

ragem de estruturar a vida urbana, através desse bonde moderno, antes da formação das grandes favelas, quando ainda não são necessárias desapropriações ou métodos construtivos caríssimos.

Constrói-se em Brasília um trem de superfície com tecnologia nacional, de forma muito simples e barata, para ligar o Plano Piloto às cidades satélites, estruturando, enquanto é tempo, a vida urbana de uma cidade que já tem 1 milhão 600 mil habitantes.

Enfim, é mais barato tomar vitamina C para prevenir a gripe do que tomar antibiótico depois da pneumonia.

Aprendi com a experiência de governo de Juscelino, com o sofrimento de construir uma nova cidade ("perdida no mato" como diziam na época) e com a esperança de construir uma sociedade mais próspera e justa, que costumam ser injustiçados, no presente, os que pensam no futuro.

Suponho que seja precisamente essa a diferença entre os homens de estado, os estadistas, e os administradores de varejo: uns administram o presente, pensando no futuro; outros acreditam firmemente que o futuro é problema da administração seguinte.

Uns trabalham pensando nas

próximas gerações; outros, pobres de espírito, não enxergam nada a não ser as próximas eleições.

A geração que construiu Brasília, as estradas, as usinas hidrelétricas, interiorizando o desenvolvimento do Brasil, exige das gerações futuras fé, otimismo, trabalho, seriedade e esperança.

Mudar, sim, mas para frente.

Para trás é retorno.

Cidadãos de uma jovem Nação, contemporâneos de nosso próprio futuro, merecemos sonhar e trabalhar para um país com desenvolvimento econômico, justiça social, racional na conquista do seu território, perseverante e feliz.

Brasília, marco do otimismo, da fé e do trabalho do povo brasileiro, merece o orgulho de todos nós. Mais que Capital ela é, como sonhava Juscelino, pólo de desenvolvimento do interior desse país.

É hora de lembrar Juscelino:

"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se tornará o centro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos, mais uma vez, sobre o amanhã do meu país, e antevejo, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites, o seu grande destino."

* Viúva do presidente Juscelino Kubitschek